

Colônia, a capital da Renânia. Ali, para ganhar o pão, trabalhou como jornalista num jornal que estava então germinando, denominado Gazeta Renana. Era um periódico patrocinado pela nascente burguesia renana que defendia ideias liberais para promover o progresso industrial e por conseguinte a modernização de uma Alemanha estacionada no tempo. Para isso acontecer, era preciso esbofetear o reacionário absolutismo alemão, personificado pelo imperador Frederico Guilherme IV. Marx assume o papel com desenvoltura, torna-se em pouco tempo redator chefe. É nesse momento um democrata liberal radical. Como jornalista, descobre que há uma abismal diferença entre a academia e as dificuldades concretas do povo que o jornalismo diariamente vai se defrontar. Se há um problema em pauta é necessário dar uma cobertura imediata para ele. Na academia, essa abordagem pode demorar anos. Do mesmo modo, percebe que sua formação filosófica não dá conta de abraçar a problemática econômica e política que precisava explicitar aos leitores. E naquela ocasião pairava uma das mais candentes.

O problema era assim. Os servos podiam recolher livremente a lenha dos bosques. Era uma prática social legitimada pelo Direito dos Costumes. Foi uma conquista admitida após séculos de utilização de terras compartilhadas em comunidade pelos camponeses desde a Idade Média. A lenha constituía um material imprescindível ao existir. A Alemanha é um território nórdico e frio. Quando chega o inverno ter lenha em casa era imprescindível para aquecer o ambiente e preparar comida para a família. Mas, as coisas mudaram com rapidez. Um decreto do imperador de 1842 considerava agora furto o recolhimento da lenha. Passou a ser crime. No entanto, os camponeses prosseguiram com a tradição de séculos, quanto mais porque não sabiam ler e escrever. As refregas estouraram por toda parte. O chicote da repressão estalou.

Marx precisa reportar o fato no jornal. Toma partido imediato dos mais fracos por razões éticas. O episódio sublinha com evidência o conflito de classes, assim como tantos outros testemunhados por ele ao longo do século XIX. Fica transparente a luta entre os milhares que nada tem e os punhados que tudo tem. Inestimáveis experiências. Ao mesmo tempo, o arguto jornalista percebe que a exclusividade do mero saber filosófico não abrangia com suficiência o entendimento do fragor do problema econômico e político despertado. Manejava uma argumentação ainda insuficiente. Porém, era nada mais nada menos do que o filósofo jornalista dispunha para investigar. É aí que estudos mais concretos vão principiar. Em cima da crueza desse problema de sobrevivência humana. É dada a largada que vai fazer Karl Marx se tornar marxista.

Marx se muda para Paris. O jornal em que trabalhava na capital da Renânia foi fechado pela própria burguesia que o bancava. Ela fez as pazes com o imperador. E o dito de antes de criticar o absolutismo alemão é substituído pelo não dito. Nessa nova fase, no traslado da Alemanha para a França, Marx estuda com lupa Hegel. Queria compreender a relação entre o Estado e a sociedade dos homens para construir uma explicação que permitisse entender a pendenga do furto da lenha. Queria saber o papel desse Estado. A obra se chamava Princípios da Filosofia do Direito. Justo o que precisava. Marx realiza uma crítica que inverte o conteúdo

hegeliano. Conclui que é a sociedade dos homens que cria o Estado. Recusa o idealismo de Hegel que afirmava ser o Estado o criador da ordem social. Que era o Estado quem imputava uma racionalidade organizadora à sociedade capaz das pessoas conviverem entre si. Quando Marx empreende esta crítica ao pensamento hegeliano, invertendo as coisas, ele assenta um traço materialista à dialética hegeliana idealista. Em outras palavras, Marx está fundando uma lógica original sua para compreender a realidade. Nascia a dialética materialista. Quer dizer, antes de passar ao cuidadoso e esmeradíssimo estudo sobre Economia Política ao qual se ocuparia o restante de sua vida, ele fundou antes um método com uma nova lógica de compreensão no propósito de melhor captar o movimento real da sobrevivência dessa sociedade burguesa. Isso fez uma diferença da água para o vinho em relação a tantos outros autores na hora de enxergar e na faculdade de esclarecer os fenômenos sociais.

Aqui está o primeiro pilar da interpretação do desenvolvimento da economia capitalista. É a concepção do método dialético materialista como produto de uma fusão crítica entre o materialismo mecanicista de Ludwig Feurbach, que Marx já estudara quando na universidade, com a dialética idealista de Hegel.

Marx expõe essa crítica num trabalho que ele escreveu para si mesmo a fim de compreender o pensamento de Hegel. Era necessário entender a sociedade dos homens para entender o Estado. E não o contrário como declarava Hegel. Não bastava mais a análise filosófica. Não bastava mais o exame minucioso dos entrelaçamentos jurídicos e políticos da sociedade. Todavia, ele está pensando agora com luz própria depois de uma árdua tarefa de pesquisa filosófica e política. E vai levar na bagagem este farol metodológico de como compreender as coisas do mundo porém sem saber ainda aonde habitava a melhor forma de conhecimento para entender a sociedade dos homens em que vivia. Onde estava o princípio das coisas desse mundo material?

Em 1844, recebe um artigo de seu futuro e inseparável amigo e irmão de pensamento, Friedrich Engels: Esboço de uma Crítica da Economia Política. Era um texto tematizante sobre a economia política inglesa com seus principais autores (Adam Smith, David Ricardo, Thomas Malthus, James Mill, Jean Baptiste Say). Mostrava que mais do que uma reflexão acerca do comportamento da sociedade, era uma revelação racional da burguesia inglesa em seus propósitos e aspirações enquanto classe social. Enfim, era em sua generalidade uma expressão de classe, porém sob as vestes de uma teoria. Essa leitura riscou um clarão na cabeça de Marx. Fez ele descobrir a relevância da Economia Política para entender o cerne da sociedade dos homens que tanto procurava. Enfim, Marx talvez tivesse confessado a si mesmo: “-Achei o fio da meada!”

Aí, ilumina-se o rastro ao nascimento futuro, em 1867, da magnum opus de Karl Marx: O Capital I no qual reconhece a faísca acesa décadas atrás por seu amigo Friedrich Engels, deflagrante da mais caudalosa, meticulosa e cuidadosa pesquisa já escrita por qualquer mortal, embora pertencente ao seu tempo, para compreender e explicar o desenvolvimento da sociedade burguesa no país em que pulsava o seu movimento propulsor a lançar diretrizes para

o mundo inteiro.

REFERÊNCIAS

- FEDOSSEIEV, P. N. et al. **Friedrich Engels**: biografia. Lisboa: Edições Avante, 1986.
- _____. **Karl Marx**: biografia. Lisboa: Edições Avante, 1983.
- ENGELS, F. “Esboço de uma Crítica da Economia Política”.
- In. **Engels** (coletânea de textos). São Paulo, Ática, 1981.
- GEMKOV, H. **Marx e Engels**: vida e obra. São Paulo: Alfa Ômega, 1984.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. (Vol. I) São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- _____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K; ENGELS, F. Introdução: o nascimento do materialismo histórico. (Jacob Gorender)
- In. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.